

A VIAGEM INCOMPLETA: DESTINO E IDENTIDADE EM *OS LUSÍADAS* E UM FILME FALADO

Roberta Figueiredo Ferraz*

Resumo: Este artigo toca em alguns fios do novelo que é a questão portuguesa do “destino” e da “identidade”. Relemos *Os lusíadas*, texto fundamental da dramaturgia cultural portuguesa, e o relacionamos com a recente obra do cineasta português Manoel de Oliveira, *Um filme falado*. Nela, Oliveira faz a revisão do humanismo progressista, que pôs o mundo inteiro em contato, à custa de mares de “barbárie”. Buscamos apontar nas duas obras brechas textuais que possibilitam novas leituras do contato cultural.

Palavras-chave: Portugal; destino; identidade.

■ **O**lhamos para um barco, nau, embarcação, e experimentamos uma estranha sensação, mesmo que fora deles, no seu redor, da situação de deriva, do interstício, do “entre-lugar”, do trânsito, da flutuação. Signos que nos remetem ao devir, à mudança, ao inesperado, ao presente. E, sobretudo, ao que a chamada “pós-modernidade” enceta de “desejo” de presente. Desarticulando de nós a memória do chão pisado, e suas raízes, iniciando novas percepções das identidades nossas e das nossas alteridades. Revendo a visão. Transformar vivendo, vi-vendo.

Mesmo que não nos ocorresse a “tradução”, simultânea, percebemos que os símbolos das navegações continuam atuando, poderosamente, em nós e em nosso imaginário, redimensionando a capacidade e a força transitivas do olhar humano. Sabemos que com as navegações, a união dos mares iniciou o processo de globalização. Mundos de diferenças foram postos frente a frente e desde então estamos construindo diálogos e relações identitárias, por meio de todos

* Mestranda em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

os tipos de migrações, num ritmo surpreendentemente acelerador. Perdemos as ilusões de fronteiras cristalinas e necessitamos rever e reaver nossos “pedaços”, nossos “órgãos”, segundo hibridismos mais significativos... Podemos agora iniciar uma longa travessia pela água. Molhados, articulando na pele os pesos e as flutuações de nossos imaginários constituintes, voltando a percepção a uma placenta comum da identidade planetária e notando, em suas partes, suas diferenças, sem envolver nesse processo o medo diante do outro, ou assumindo a inevitabilidade desse medo, inteiros diante da perda da forma de nós mesmos. Uma situação de comunicação e encontro em novas bases pede a dissolução de fronteiras fictícias para que cada um reintegre, segundo o agenciamento de seus tempos/espacos presentes, as leituras de seus passados/futuros e as suas mitologias pessoais e sociais. Enfim: criando algo novo, intervindo, residindo no “além”, ou seja, segundo Bhabha (1998, p. 25), “ser parte de um tempo revisionário, retornar ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural”. Assim, o crítico da cultura, para Bhabha (1998, p. 33), é aquele que, exercendo eticamente seu olhar, tenta “apreender totalmente e assumir a responsabilidade pelos passados não ditos, não representados, que assombram o presente histórico”.

Este nosso texto tem, portanto, como objetivo tocar em alguns fios do imenso novelo que é a questão do “destino” e da “identidade” portuguesa, por meio de um olhar que os teça “além da perplexidade” – ou seja, além do olhar fixado no susto das definições. Trazemos para o texto, em primeiro lugar, esse “Livro” português, que é *Os lusíadas*, verdadeiro “Sebastião” segundo Eduardo Lourenço, texto fundamental da “dramaturgia cultural portuguesa”. Produzido num tempo tornado “mítico” aos portugueses, o século XVI, século dos descobrimentos a serviço da “dilatação” da fé católica e de nascimento do império esperado e vaticinado pelo imaginário luso. Ao seu lado, colocamos um recente filme de Manoel de Oliveira, *Um filme falado*, de 2003.

Se depois de Vasco da Gama os portugueses ficaram desempregados, conforme diz Almeida Faria em *Lusitânia*, foi, contudo, com as empreitadas das navegações que o reino português ganhou “um poeta digno de cantar as glórias” de sua edificação e legitimação crística, conforme era ansiado. Assim, com a consequência de ficarem “desempregados”, portugueses ganham o símbolo de um pai e de um primeiro registro geral: Camões, *Os lusíadas*. Se a emigração em escalas portentosas marca o ir-e-vir lusitano, como ficaria essa constante diáspora em tempos de “recolhimento” à parte continental de onde, por muito tempo, partiram? Falamos, acima de tudo, de um recolhimento do escopo identitário, já que os diversos cantos outros, “que o português criou”, desfiaram o cordão que os mantinham atados ao umbigo violento da matriz.

Então, como pensar esse “desemprego”? Como uma contínua não-habilitação para empregar-se em seu próprio “destino”? E caberia, ainda hoje, o sentido teleológico do “destino” nas veias de quem quer empregar-se, habilitar-se, tornar-se ativo e produtivo num mundo cada vez mais caduco de referências ontológicas? Manoel de Oliveira parece semear tais questões em seu interlocutor – nós, espectadores.

Pensando nos perigos “do encontro” com o “outro”, acionamos, neste trabalho, algumas reflexões acerca do estatuto de Portugal nesses quase quinhentos anos de *Os lusíadas*. De alguma forma, o filme de Manoel, próximo dos choques reflexivos da chegada do novo milênio, opera um “dobramento”, sobre o

ano marco do início da globalização, aquele 1500. Dobramos 2000 sobre 1500. Nessa passagem de milênio, olhamos para a grande “novidade” (a tal “conquista da modernidade”) e questionamos onde pode ser ela “grande” – no sentido construtivo e inovador – e onde pode ser ela “pequena”, ou “vil”, como diria o poeta – em seu sentido devastador e deformador de diferenças. Fazemos a revisão do humanismo progressista e civilizatório que pôs o mundo inteiro em contato, à custa de mares de “barbárie”. Atentos às manobras de Hefesto, o antigo forjador das aparentes maravilhas tecnológicas banhadas em ouro – motor de desejos –, que tem/tinha os pés voltados para trás. O ouro que banha as conquistas, as trocas, os encontros... é o mesmo “vil metal”? Adauto Novaes (2004, p. 9) nos lembra que “A palavra ‘civilização’ [...] ‘palavra-idolo’ carrega em si violências, muitas vezes violências sangrentas como a que se vê hoje”.

Relemos *Os lusíadas*, revemos *Um filme falado*, e não buscamos empreender nem o olhar assustado e perplexo diante do contemporâneo nem o olhar da cortesia e mascarada delicadeza civilizacional. Deixamos o olho na arte deriva, navegante do além, indo e retornando, descentrados e revistos sobre nós, pois, como adverte Bhabha (1998, p. 24), “para incorporar a energia do ‘além’ deve se tornar um lugar expandido e ex-cêntrico de experiência e aquisição de poder”. É com essa energia descentrada e autêntica que tentamos navegar estas novas velhas águas...

Os lusíadas constitui a obra do grande “milagre criativo”, segundo Segismundo Spina (2005, p. 65), pelo fato de ser português, em tempos de ausência de produção épica, e pelo fato de inovar o épico, criando formas e conteúdos absolutamente originais. Um dos diferenciais deste livro, em relação aos clássicos do estilo, é a ausência de um herói individualizado como centro e vetor do texto. Camões elege como herói toda uma raça, e tece os caminhos de Gama como mecanismo literário que põe o eu em contato com o outro, na intenção de dar a esse “eu” uma motivação e uma situação para falar de si. Assim, nos encontros entre as partes, personagens narram os feitos lusitanos que corroboram e legitimam as suas ações de navegar para “devastar e dilatar”, ou seja, destruir, conquistar e converter. Antes de olharmos de modo recriminador, qualificando essa necessidade de “narcísica”, investiguemos os reverses desse texto.

Nessa busca laudatória de identidade, portugueses se lançaram em mares “nunca dantes...” e conviveram com a angústia e aflição dos perigos de uma natureza “nova” perante “um bicho da terra tão pequeno”... Se não podiam ainda dar “voz” a um outro – os mouros, infiéis, povo vil, dissimulado, ardiloso, e tudo o de pior –, tentavam, ao menos, encontrar um tom próprio que significasse força, e principalmente força cultural e política – já que o poema é também uma invocação ao rei Sebastião e uma crítica às gentes dirigentes – num país em gestação e portador da sensação missionária: cristianizar os mundos. Segundo Spina (2005, p. 70):

A grandeza heróica que o Poeta celebra está na história portuguesa, desde as lutas pela fundação da nacionalidade, pela consolidação de sua independência política a partir da batalha de Aljubarrota e pela construção do seu grande império ultramarino. É toda aquela imensa grandeza desde a reconquista da terra aos mouros até aos descobrimentos marítimos do Renascimento.

Grandeza do “eu”... Irremediavelmente, na semente e árvore literária do mito cultural português que são *Os lusíadas* não há espaço para identidade do

outro. O outro é o opositor, o inimigo, quando o “eu” é validado, sobretudo, por seu destino eleito por Cristo e por Cristo tornado missão. Ainda assim, com atenção, podemos recolher ecos de alteridade nas ambivalências do poema. Por exemplo, quando Gama, no Canto I, não mostra aos mouros, em resposta a esses, o verdadeiro “peso” e força de sua artilharia, pois “é fraqueza entre ovelhas ser leão”. Desse modo se desculpa o narrador pelo “fingimento” de Gama. Ao se desculpar, abrem-se margens de ambigüidade no texto: em princípio, o “fingimento” é atributo pejorativo dos infiéis, que são ardilosos e operam de tal forma para enganar os portugueses; aqui, porém, revestido de uma “humildade dignificadora” – não se sobrepor ao próximo –, o ato de fingir torna-se absolutamente honrado. Outra surpresa, nesse mesmo verso do poema, está em chamar os tão perigosos infiéis de “ovelhas”...

O “outro”, no discurso do poeta, é reforçado por ser o inimigo da “identidade” portuguesa. Vemos, porém, como essas fronteiras se abalam, no próprio texto, levando-nos a margear certezas e questionar “As portuguesas forças, costumadas a derribarem quanto acham diante” (CAMÕES, s. d., Canto IV). Em *Os lusíadas* entrevemos a linha construtora do destino oficial português – Império da Cristandade – que acaba por integrar Portugal dentro do bloco de identidade “européia”, mesmo que portugueses sintam-se secularmente “ilhados”, ou, como percebe Eduardo Lourenço¹ (2001), sentindo-se “universal” por dentro e insignificante e marginalizado no contexto europeu. Diz Novaes (2004, p. 13):

Talvez o que permite transformar a civilização do Ocidente em um conceito homogêneo seja o deslocamento das contradições para o exterior ao próprio “Ocidente-Europa”. Os ocidentais só são definidos como tais opondo-se a um Outro: o Bárbaro, o Infiel, o Selvagem e, principalmente, ao Oriental, que acumula todas as diferenças.

O nosso objetivo é ir “além”, obstruindo conceitos fechados como “homogêneo” e “heterogêneo”, restando a nós, agora, rasurar essa visão por muito tempo construída, louvada e também desdita, e ouvir a voz do Camões que duvida, que se questiona enquanto questiona o reino com suas ambições e vãs glórias. Dessa forma, operar na leitura uma aprendizagem, uma experiência do “eu” e da identidade portuguesa em devir com o outro, pelo alheio. Como?

Se em *Os lusíadas* não há espaço para expectativa de encontro dialogal entre o “eu” português cristão e o “outro” indiano e africano, infiéis e idólatras, é porque lá a identidade portuguesa se faz construída sobre alicerces sobretudo cristãos, católicos e com um postulado missionário: dar (lê-se: obrigar) aos “outros” a “verdadeira lei”, a lei de Cristo, e livrá-los da falsa. Assim, identidade e destino se conjugam e são indissociáveis dentro da perspectiva da edificação dos caracteres da raça lusíada no texto camoniano. Já no filme de Manoel, o que nos intercepta é a questão: afinal, há ainda espaço, no mundo atual, para o destino português? Qual(quais) a(s) identidade(s) do português? Como pode Portugal entrar no mundo contemporâneo, ou seja, relacionar-se com ele, ativamente, como presença? Em ambas as obras, Portugal se apresenta e é apresentado “em relação” com a “Europa” e com o “Oriente” e a “África”. São três “outros” distintos. Há um “jogo cortês”, como veremos, no relacionamento de Portugal e

Europa, permeado por discursos de “diferenças menos diferentes”, já que se amalgamam no parentesco “ocidental”. Há também um “desafio desejanter”, mais obscuro e intenso, no contato de Portugal com os “outros” África e Índia, permeado por trocas de “diferenças mais diferentes”.

No filme de Manoel, o “outro” amoroso da jovem portuguesa, seu marido João, piloto, está na Índia. É pela voz de uma mulher historiadora que são narradas as histórias míticas e oficiais dos monumentos da civilização ocidental, à sua pequena filha Joana. Uma mulher que navega e agora pode conferir com seus olhos enquanto avança/erra em águas, em direção ao grande destino lusiada: a Índia, a qual Manoel acrescenta o motivo deste destino: o amor, a união. Porém... essa viagem não se completa. Portugal não chega ao seu porto, ao seu destino. Explode. O que podemos fisgar dessas fagulhas em mar aberto?

Uma das coisas que Portugal legou aos “outros” com quem “travou” contato foi a língua portuguesa. O destino missionário protegido por Vênus/Maria – as mãos dessa mulher portuguesa carregando sua filha – parece ter falhado, ao se mostrar, ao longo desses quinhentos anos, violento e bruto em demasia. Porém, o que pode não falhar é a reflexão, a postura de retornar-se. Portugal inclina-se a si mesmo, em seu espaço geográfico de nascença. Herdam seus “filhos”, crescidos e independentes, a língua. A possibilidade da voz e do que Octavio Paz (1996) chama de “a outra voz”, a voz poética, verdadeira universalidade. Há espaço, há possibilidade de navegação dessa língua na “rede”/net contemporânea?

Nos jantares de Manoel, uma mulher grega, outra francesa, outra italiana dialogam, intermediadas pelo capitão do navio/nau, um americano de origem polaca. Cada um fala em sua própria língua, todos se entendem muito bem, obrigado. Manoel nos lembra e avisa: isso é um “filme”, “falado”. Dessa forma, Manoel cria uma situação alegórica em que as musas-países, monumentos da formação da civilização ocidental, apresentam, cada uma, seu ponto de vista em relação aos caminhos e descaminhos do legado civilizacional europeu no mundo atual do consumo, da padronização e da velocidade. Jantando, numa situação atemporal, eles representam o antigo jogo do amor cortês, lembrando as marcas de delicadeza que pautavam as relações (desejadas) de uma antiga “idade de ouro”. Visitamos com Manoel os monumentos, o que nos leva, obrigatoriamente, a visitar o seu revés, as ruínas. No diálogo plurilingüístico predomina o tom cansado, fastidioso, no qual, como deusas em lástimas, repetem as musas o epitáfio irônico de Valery, “Nós, civilizações, sabemos agora que somos mortais” (apud NOVAES, 2004, p. 8). Questionando a agregação semântica em conceitos como “civilização” e “barbárie” como oposição um ao outro, Novaes (2004, p. 13) lembra nomes que puderam ler na semelhança as juntas de ambos os sentidos:

*Essa cisão entre Oriente e Ocidente não daria à palavra “civilização” um caráter utilitário e ideológico? Em seu livro *Le remède dans le mal*, [...] Starobinski nos lembra que Mirabeau fala de “falsa civilização”, chegando mesmo a anular a oposição entre bárbaro e civilizado, denunciando “a barbárie de nossas civilizações”. Encontramos também nesse ensaio algumas indicações precisas: “polimento” e policiamento dos costumes, quando polidez é, inicialmente, quase sinônimo de civilidade; relações estreitas entre civilização e progresso; civilização decorrente da sociedade industrial e democrática, apresentada por Baudelaire como uma “grande barbárie iluminada a gás”; e ainda*

uma prática absolutamente moderna: “no lugar de uma barbárie declarada, as civilizações contemporâneas exercem uma violência dissimulada”.

No navio de Manoel, dentro, prepondera o jogo civilizatório. Fora, não vemos um “outro”. O navio recebe tripulantes até a Grécia. E Istambul, Egito, Aden? Nesses locais, não visitamos “monumentos” porque, nessa altura, já havíamos deixado o corpo do Ocidente... Manoel apaga o “outro” do registro desses espaços. Eles não estão lá. Não aparentemente. Como sugere Lourenço (1951), devemos procurar ler “a outra coisa”, as vísceras ausentes das presenças. Retomando a questão: o que podemos ler da “explosão de Portugal”, no final do filme de Manoel, e da cena congelada, do “grito”, à la Munch, do horror do comandante? Ainda o velho pensamento da falência de Portugal? Um aprisionamento português a uma tradição de perdição, após ter perdido os prumos de seu destino? Eduardo Lourenço (1951, p. 39), criticando esse “progresso da falência”, pergunta: “que espécie de continuidade temos em vista quando denunciamos entre nós a existência dessa descontinuidade?”.

Para ele, esse sentimento derrotista, esse “nada contínuo” bergsonian, dificulta o acesso àquilo que “realmente são os portugueses”. A saída proposta por Lourenço está em buscar, na aparente descontinuidade, o que há de raiz, ou seja, segundo seu pensamento, o ser e o não-ser são inseparáveis; assim devem os portugueses buscar, no aparente e no mostrado, o que há de obscuro e escondido, a “outra-coisa” contra a qual se projetam o espelho e o revés do espelho. O “outro”. Na esperança de que a língua portuguesa possa ser um espaço aberto para trocas e fluxos.

Nesse intuito, seguindo os fluxos de Bhabha, procuramos trabalhar contrários ou, ao menos, remexer dentro dos olhares sedimentados, a fim de puxar novos caminhos, questionando o “monumento” e a “História” como “monumento”, a fim de deixar que cada um escreva seu traço ou que cada um escolha não escrever. Manoel, triste, parece orar “Que cada um use a sua língua”. Mas reconhece os limites da língua portuguesa e chora em seu filme uma bomba elegíaca.

Arriscamos, na rasura, então olhar essa explosão, como um grande rasgo, uma fratura na teia das predominâncias e das hierarquias fixas, abrindo a língua lusa aos espaços de maiores intercâmbios com os outros países falantes do português e redefinindo maneiras de se colocar em relação aos diversos “outros”. Ultrapassando o horror do congelamento no tecido secular do “destino” e da “identidade” portuguesa como missão civilizatória de “outros”. Como aponta Lourenço (1999), pela primeira vez em anos, Portugal tem a chance de aportar-se e tomar consciência da maturidade de seu devir, reabilitando-se e reempregando-se com outros nesse momento de transformações históricas e do olhar. Segundo Bhabha (1998, p. 21):

A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos ‘preestabelecidos’, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica.

Concluimos que a revisão da viagem, nesse “dobramento” de datas e de obras pode nos levar adiante, além, percorrendo territórios desterritorializados e fluantes – as águas da linguagem das novas redes comunicacionais e suas impregnações simbólicas. Reajustando a perspectiva identitária a cada instante,

e alargando as alças semânticas da idéia de “destino”, livrando dela a autoridade e autoria divinas e seu templo de amarras. Deixando o “destino” livre como potência criativa e tomando fôlego novo para o rearranjo dessa viagem incompleta entre o “eu” e o “outro”, o “português” e suas esferas interiores e exteriores de alteridade.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. São Paulo: Círculo do Livro, [s. d.].
- GRUZINSKI, Serge. *1480-1520: a passagem do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (Col. “Virando Séculos”)
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. Idéia de uma historiografia existencial do pensamento português. *Unicórnio*, Lisboa, p. 38-44, maio 1951.
- NOVAES, Adauto. Crepúsculo de uma civilização. In: NOVAES, A. (Org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- OLIVEIRA, Manoel de (realização, argumento e diálogos). *Um filme falado*. Produção: Paulo Branco. Co-produção Madragoa Filmes, Gemini Films, Makado Film e France 2 Cinema. Portugal, Itália, França, 2003.
- PAZ, Octavio. *El arco y la lira*. México: Fondo de Cultura Economia, 1996.
- SPINA, Segismundo. *Os lusíadas: um milagre da criação literária*. *Revista Camoniana*. 3ª série, v. 17, 2005.

FERRAZ, Roberta Figueiredo. The unfinished voyage: destination and identity in ‘Os lusíadas’ and ‘Um filme falado’. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 9, n. 1, p. 135-141, 2007.

Abstract: This article touches some lines of the complex question of the construction of the Portuguese identity and destiny. We read Os lusíadas, fundamental text of the portuguese cultural drama, and related it to the recent work of Manuel de Oliveira, Um filme falado. In his work, Oliveira makes a revision of the “progressist humanism”, the movement responsible for putting the world in contact that might be seen as barbarity. We try to appoint new ways of touching the question of cultural contact.

Keywords: Portugal; destiny; identity.